



Um trabalho especial de tradução: o texto de Freud

A Special Task on Translation: Freud's Texts

Ana Maria Portugal Saliba

anamportugal@gmail.com

<http://orcid.org/0000-0003-1354-0850>

Resumo: O artigo expõe peculiaridades da tradução dos textos de Sigmund Freud para estudo e compreensão da teoria psicanalítica pelos psicanalistas, especialmente aqueles em formação. Primeiramente, examina-se o uso do termo “tradução” pelo próprio Freud no âmbito da clínica psicanalítica, na decifração da escrita bilíngue dos sintomas histéricos. Num segundo momento, o artigo dedica-se a ampliar os sentidos do termo tradução, para chegar às especificidades que o texto de Sigmund Freud exige dessa tarefa, levando em conta certas condições da escrita e do estilo de Freud, além da explanação de seu objeto principal: o inconsciente e suas formações substitutas, tais como sonhos, sintomas, lapsos e fantasias.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Walter Benjamin; François Roustang; inconsciente; sintomas histéricos; transmissão da psicanálise.

Abstract: This article exposes the translation peculiarities on Sigmund Freud's texts and its implications to the study and understanding of psychoanalytic theory by psychoanalysts, especially by the ones in a formation process. Firstly, it examines the use of the term “translation” by Freud himself in the scope of the psychoanalytic clinic, in the deciphering the bilingual writing of the hysterical symptoms. A second step aims to expand the meanings of this term, to conclude on the specificities that Freud's text requires for this task on translation, considering certain conditions of writing, of Freud's style and the explanation of its main object: the unconscious and its substitute formations, such as dreams, symptoms, lapses and fantasies.

Keywords: Sigmund Freud; Walter Benjamin; François Roustang; the unconscious; hysterical symptoms; transmission of psychoanalysis.

Realizamos, todos, e a toda hora,
atos de tradução voluntários e inconscientes.
Theodor (1978, p. 12).

A tradução é o mundo das minúcias.
Rónai (1981, p. 72).

O ponto é sempre o mesmo:
as cinzas não são a tradução do fogo.
Steiner (2005, p. 263).

Muitos anos de transmissão da psicanálise em Belo Horizonte, em instituições psicanalíticas e seminários particulares, nos levaram a consultar as obras de Sigmund Freud em alemão. Duas são as razões principais: a primeira, por ser uma obra fundadora de um campo de conhecimento e de saber, a psicanálise. Isso exige que os conceitos e seus respectivos usos sejam pesquisados na língua de origem. A segunda razão é que as traduções que encontramos, preocupadas com o bom estilo e com a acessibilidade e a compreensão dos leitores, nem sempre conseguem trazer o sentido da descoberta e da construção do conceito, ou amaciam as dificuldades inerentes ao assunto – o qual, às vezes, comporta certas contradições – ou tornam o texto até mesmo incompreensível.

Assim, nos seminários de transmissão, utilizamos traduções próprias de alguns ensaios de Freud, acrescentando notas para clarificar ou problematizar o sentido do termo no texto e no contexto. Algumas dessas traduções estão publicadas em formato bilíngue em periódicos associados a instituições psicanalíticas para os profissionais interessados, sem intuito comercial. Outras delas ficam apenas no âmbito pessoal e são acessadas somente pelos frequentadores dos seminários.

No decorrer da experiência, fomos percebendo certas características nesse tipo de tradução, em que há um interesse mais didático e clínico do que estilístico. Portanto, essas traduções cumprem uma ética, no caso, a ética da psicanálise.

Esse tema foi o escolhido por Jacques Lacan para guiar seu Seminário VII em Paris nos anos de 1959 e 1960. Situando a ética como um julgamento sobre nossa ação, Lacan (1986, p. 360) realça o fato de que “o inconsciente supõe que a ação do homem tem um sentido oculto ao qual se pode chegar”. Seu objetivo é, no âmbito de uma ética da

psicanálise, “colocar em relevo o que a obra de Freud e a experiência da psicanálise que dela decorre nos trazem de novo. [...] Algo ao mesmo tempo muito geral e muito particular” (LACAN, 1986, p. 9).

O campo analítico é marcado pela descoberta do caráter superficial da determinação dos sintomas, a linguagem. Tal descoberta funda a prática do analista, exigindo lidar com descontinuidades, com limites do saber na clínica e na teoria, que são consequências das formas de leitura e de estudo do texto freudiano na língua de origem. A tradução entra aí como um estudo entre as línguas, tanto no aspecto teórico quanto no estilo, impondo também um trabalho de escuta. Não basta conhecer a língua de origem e fazer a passagem para outra. É preciso curvar-se à experiência no campo ao qual o texto se aplica: o desejo e o sujeito do inconsciente. No que concerne à psicanálise, cabe até a ousadia de propor uma clínica da tradução. O termo clínica tem sua raiz em *clino*, do grego *kliné* que significa “leito”, “repouso”. Daí inclinar, desviar da verticalidade, baixar, fazer pender (CUNHA, 1982).

Buscando um caminho para falar dessa experiência de tradução, iniciamos pelo sentido de tradução na clínica de Freud; num segundo momento, abordaremos os vários sentidos da tradução – não somente como passagem de uma língua para outra; e, num terceiro momento, tentaremos expor as características dessa tradução especial, que vem correspondendo ao nosso trabalho de transmissão da psicanálise.

A tradução na clínica de Freud

Tradução – em alemão *Übersetzung* – é o termo que Freud usava, em seus primeiros textos, para expressar que as vivências – especialmente as traumáticas – e os afetos penosos, determinantes na formação dos sintomas, necessitariam ser expressos em palavras para adquirir um sentido na história pessoal.

Em um texto de 1896 sobre a etiologia da histeria, Freud compara seu trabalho de pesquisa do sintoma com o do arqueólogo, ao encontrar inscrições bilíngues, “que revelam um alfabeto e uma língua, cuja decifração e tradução fornecem inesperados esclarecimentos sobre eventos da antiguidade, em memória dos quais tal monumento foi construído. *Saxa loquuntur!*” (FREUD, 1976a, p. 218, grifo do autor).

Anteriormente, no livro publicado em colaboração com Josef Breuer, *Estudos sobre a histeria* (originalmente publicado em 1893), no

estudo de casos, encontramos passagens referentes a inscrições bilíngues, exigindo tradução e, por vezes, o uso do termo naquele mesmo sentido de “traduzir o afeto em palavras” (FREUD, 1974, p. 47), como um passo importante para êxito do tratamento e da elucidação dos sintomas.

Por exemplo, no “caso número 4 Katharina”, o sintoma de vômitos leva Freud a escrever: “Muitas vezes, comparávamos a sintomatologia histérica com uma escrita pictográfica, da qual compreendíamos a leitura, após a descoberta de alguns casos bilíngues. Nesse alfabeto, vômito significa asco” (FREUD; BREUER, 1977, p. 189, tradução nossa).¹

Na posição de primeiro analista e fundador da psicanálise, para estabelecer essa clínica de trabalho com as neuroses, Freud vai descobrindo o valor do método de insistir nas lembranças, nas associações e no discurso livre, sem censura. Com isso, nesse mesmo livro, Freud progride em modalizar o processo que entendia como sendo um ato de “tradução” (*Übersetzung*) e passa a utilizar outros termos: *deuten*, *Deutung* (interpretar, interpretação), *aufklären* (esclarecer, elucidar, explicar) e o mais pertinente deles: *erraten* (conjecturar, supor, adivinhar) (FREUD, 1975a, p. 293). O paciente traduz seus afetos e sofrimentos em palavras, mas, para chegar à tradução dessa estrutura bilíngue com outras inscrições, o analista não consegue uma tradução direta, termo a termo, mas somente conduzido pelas entrelinhas, interpolações e suposições.

Entretanto, apesar de utilizar outras palavras na lida com os sintomas, em seu texto póstumo *Esboço de psicanálise* (1975b), Freud (1975b, p. 184) ainda insiste no termo “tradução”: “Fazemos nossas observações [...] precisamente através das falhas do psíquico; completamos o que é omitido por meio de conclusões aproximadas e o traduzimos em material consciente”.

Voltando aos *Estudos sobre a histeria*, impressiona-nos muito a aposta de Freud nas conexões simbólicas entre os detalhes do sintoma e a fala do paciente, ou seja, lidar com essa escrita bilíngue. No caso de Fräulein Elisabeth von R., cujo sintoma principal eram dores nas pernas, ponto do corpo considerado como zona histerógena atípica,

¹ “Wir hatten oft die hysterische Symptomatologie mit einer Bilderschrift verglichen, die wir nach Entdeckung einiger bilinguer Fälle zu lesen verstünden. In diesem Alphabet bedeutet Erbrechen Ekel.” A Edição *Standard* brasileira traduz assim a última frase: “Nesse alfabeto estar doente significa repulsa”. (FREUD, 1974, p. 177). É o caso de uma tradução de tradução.

Freud percebe que “as pernas começam a participar da conversação. [...] Cheguei a tempo de utilizar tais dores para minha orientação” (FREUD; BREUER, 1974, p. 197-198). Assim, a paciente, a seu pedido, se propõe a estabelecer ligações – ou traduções – entre as impressões dolorosas e as funções das pernas. Freud faz a lista dos verbos – *stehen*, *gehen*, *sitzen*, *liegen* – indicativos de funções e investiga. Ficar de pé (*stehen*): seria estar paralisada, como se tivesse raízes no chão ao ver o pai doente; também estava de pé, como se estivesse enfeitiçada, ao lado da irmã morta. Caminhar (*gehen*): estava num passeio e sente o contraste entre a própria solidão e a felicidade da irmã casada. Sentar-se (*sitzen*): novamente a solidão e a comparação com a irmã. Deitar-se (*liegen*): preocupada durante a noite com o sofrimento da irmã (FREUD; BREUER, 1974).

Freud expõe esses achados, que nos parecem exageradamente equacionados, mas não os considera suficientes para a formação do sintoma. Seu valor está em abrir caminho para confirmar sua teoria, segundo a qual os sintomas da histeria surgiriam como símbolos de lembranças dolorosas, como monumentos construídos mediante associações e sensações ligadas a vivências de emoções não conscientes.

Retrocedendo mais ainda ao tempo dos primeiros escritos freudianos, outra referência importante à tradução encontra-se na correspondência com Wilhelm Fliess. São cartas escritas no período entre 1887 e 1904, num total de 287 missivas, acompanhadas de manuscritos, nos quais Freud esboça sua teoria sobre os achados da clínica; fragmentos importantes e fundamentais para a psicanálise. Freud, aos 31 anos, lecionava na Universidade de Viena e iniciava sua clínica como neurologista, depois de ter estudado em Paris com Jean-Martin Charcot. Wilhelm Fliess, aos 29 anos, era médico otorrinolaringologista, reconhecido em Berlim. Essa correspondência só veio a público em 1950, numa seleção dessas cartas em *Das origins da psicanálise*. Posteriormente, quase cinquenta anos após a morte de Freud, em 1985, Jeffrey Moussaieff Masson publicou integralmente a referida correspondência. A carta específica a que vamos nos referir data de 6 de dezembro de 1896. Freud (1887-1904, p. 208 *apud* MASSON, 1986, p. 209) escreve:

A falha da tradução, eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação de desprazer que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento, que não permitisse o trabalho de tradução.

Definir o mecanismo fundamental das neuroses – o recalque – como uma tradução que falha não deve ser entendido como um defeito de função – que seria perfeita caso a tradução não falhasse. Os desdobramentos posteriores da teoria do inconsciente, e até mesmo o próprio conteúdo da citada carta, nos faz ver que se trata aí da presença de algo sem tradução, mas que, ao mesmo tempo, impulsiona no sentido de que se faça uma tradução. A saída é o recalque, operação que permite desviar do ponto impossível, construindo substitutos por associações na linguagem, condensações e deslocamentos, que constituem as formações do inconsciente.

Nessa carta (MASSON, 1986, p. 209), a concepção do recalque como falha da tradução é precedida de uma hipótese sobre a memória, constituída pelos rastros das lembranças de vivências. A memória se inscreve por pelo menos três tipos de traços ou signos, que compõem registros com características próprias: *Wz*, *Ub* e *Vb*, que, supostamente nessa ordem, vão sendo traduzidos de um registro a outro. Freud (1887-1904, p. 208 *apud* MASSON, 1986, p. 209) os define:

Wz (signos de percepção) é o primeiro registro, totalmente inacessível à consciência e organizado de acordo com associações por simultaneidade;

Ub (inconsciência) é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços de *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais, e são igualmente inacessíveis à consciência;

Vb (pré-consciência) é o terceiro registro, ligado à representação de palavra, e corresponde ao nosso eu oficial. Seus traços são acessíveis à consciência mediante certas regras. É uma consciência secundária de pensamento, posterior no tempo e, provavelmente, ligada à ativação alucinatória das representações de palavra. (FREUD, 1887-1904, p. 208 *apud* MASSON, 1986, p. 209).²

Há ainda dois outros registros: *W* (percepções) e *Bew* (consciência), que ficam respectivamente nos extremos anterior e posterior da série. Estes *são excluídos da memória*, não retendo em si qualquer traço do que aconteceu (FREUD, 1887-1904, p. 208 *apud* MASSON, 1986, p. 209).

² Os termos para os registros em alemão são: *W*, *Wahrnehmungen* (percepções); *Wz*, *Wahrnehmungszeichen* (signos de percepção); *Ub*, *Unbewusstsein* (inconsciência); *Vb*, *Vorbewusstsein* (pré-consciência) e *Bew*, *Bewusstsein* (consciência).

Embora contenha expressões imprecisas (relações causais, lembranças conceituais, consciência secundária de pensamento), esse esquema é o precursor do modelo do aparelho psíquico da obra de 1900 *A interpretação de sonhos*, que esclarece o processo do sonho como via régia para o inconsciente. No modelo de 1900, só aparecem dois registros: *Ub* e *Vb* (Inconsciente e Pré-consciente). Freud refere-se ao registro *Wz*, signos de percepção, como ponto de “fixação” (FREUD, 1972, p. 575-577), inacessível à consciência e buscado pelo processo de análise.

Trabalhar com a tradução e sua falha: nisso consiste a tarefa do psicanalista, contando com a associação supostamente livre do analisante. Para que haja efeitos, exige-se um tipo especial de atenção, a “atenção flutuante” (FREUD, 1969, p. 149-150), sensível às entrelinhas e às equivocidades, que podem parecer absurdas e sem sentido, mas é importante que sejam escutadas e, talvez, destacadas. Há, portanto, certa “distração” necessária ao trabalho da psicanálise, distração, em relação ao significado objetivo e coerente, em favor de outras ocorrências “estranhas”. Estas, denotativas do inconsciente e da operação do recalçamento, possibilitam que se amplie o trabalho de tradução já iniciado.

A partir de um estudo sobre o ensaio *O estranho* (1919), de Freud, e com o incentivo dos ensaios de Walter Benjamin, pensamos na pertinência de uma “tradução distraída” (PORTUGAL, 2006, p. 50). “Distração”, diz o dicionário, vem de “distrair”, do latim, *distrahere*: puxar para diversas partes ou em diferentes sentidos; desviar, desencaminhar, afastar-se de algo fixo (SOUSA, 1984).

Em *A tarefa do tradutor*, Benjamin (1980, p. 14) escreve: “A tradução é apenas uma maneira provisória de lidar com a estranheza das línguas”.³ A tradução benjaminiana afasta-nos, desvia-nos da significação para remontar à forma, como diz Paul Valéry (*apud* CAMPOS, 1985, p. 3-5):

remontar à época virtual da formação do texto, a um estado de latência e disponibilidade orquestral: quando os “instrumentos despertam, chamam-se uns aos outros, buscam seu acorde recíproco antes de formar seu concerto... Como se todas as

³ “[...] dass alle Übersetzung nur eine ingerdwie vorläufige Art ist, sich mit der Fremdheit der Sprache auseinanderzusetzen”. (Tradução sugerida pelo professor Georg Otte da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em disciplina ministrada para os alunos da pós-graduação.)

palavras da memória ficassem à espreita de tentar sua chance em direção à voz.

Há o “choque da distração”, que intercepta a distração com uma “atenção aguda” que, retomando a metáfora de Valéry, assemelha-se à entrada da orquestra ao executar uma sinfonia; ou à palavra que entra, que irrompe para dar forma ao poema. A Freud ocorreu a palavra *unheimlich* para dar nome ao estranho/familiar que já vinha, passo a passo, descobrindo. Seu ensaio de 1919 desdobra-se sobre esse tema, descrevendo sensações, experiências e contos literários na atmosfera despertada pela equivocidade do termo alemão *unheimlich* (FREUD, 1976b, p. 283-284), ao mesmo tempo estranho e familiar, assim como o inconsciente.

A tradução e suas parcerias

Dando prosseguimento às reflexões sobre algo de especial nas traduções do texto de Freud, consideramos interessante apontar alguns usos que a linguagem corrente faz do termo “tradução”, além da operação entre dois idiomas. Isso porque nem sempre é questão de substituir a palavra da língua de origem por outra da língua de destino. Alguns outros sentidos nos levam a examinar o contexto, o tempo; afinal, o lugar lógico do trecho discursivo, antes de tomar uma decisão. Podemos dizer que traduzir é decidir. Decisão provinda de atos como interpretar, explicar, representar, criar e outros mais, que implicam a posição subjetiva do tradutor.

Eis uma frase de alguém da área que, mesmo cumprindo extensa história acadêmica, não se define como um erudito, preferindo ser lembrado como “mestre de leitura”.⁴ “É bem mais provável que a Torre de Babel continue a projetar sua sombra criativa”. Assim, George Steiner (2005, p. 10) termina o prefácio à terceira edição de seu livro *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*, contestando a existência de uma teoria da tradução e os constantes debates que movimentam sua filosofia e sua prática. No prefácio à segunda edição, datada de 1991, Steiner (2005, p. 17, grifo do autor) já afirmava:

⁴ Steiner define-se dessa maneira, como consta em seus dados biográficos transcritos na orelha do livro citado.

Não há, com toda a certeza, e não obstante nossos especialistas, em firulas bizantinas, nenhuma “teoria da tradução”. O que temos são descrições razoáveis de processos. Na melhor das hipóteses, o que perseguimos é a articulação de narrativas e de experiências vividas, de registros exemplares ou heurísticos de trabalhos em curso. Esses registros não têm qualquer estatuto “científico”. Nossos instrumentos de percepção não são teorias ou hipóteses de trabalho em nenhum sentido “científico”, [...] mas apenas o que chamo de *metáforas operacionais*. A tradução, naquilo que tem de melhor, nada ganha com diagramas e fluxogramas (matematicamente). Ela é e sempre será o que Wittgenstein chamou de “uma arte exata”.

O autor conclui o citado prefácio dedicando a edição “a qualquer um que dá vida à linguagem e que sabe que o ocorrido em Babel foi um desastre, [tanto] quanto (e essa é a etimologia de desastre) uma chuva de estrelas sobre o ser humano” (STEINER, 2005, p. 19).

Nessas passagens, fica explícita a relação da tradução com certo tipo de artesanato e criação. A expressão de Wittgenstein (não referenciada por Steiner), “arte exata”, leva-nos a pensar que a tradução é um produto singular, que foi realizado de determinada forma, sendo arte como *poesis*, um fazer. Acompanhamos a articulação das narrativas e a experiência do tradutor “em seu espaço de trabalho, com suas versões preliminares e revisões sucessivas que geram o (inacabado) produto” (STEINER, 2005, p. 10). A práxis está aí, apontando detalhes e circunstâncias, exigindo uma decisão.

A Steiner não escapa o sentido amplo de tradução, que os dicionários registram na diversidade de empregos: transpor, interpretar, revelar, representar, recriar, transparecer etc. e até o próprio ato de falar. Contudo, diz ele, “embora estejamos traduzindo em todos os momentos em que falamos ou recebemos signos em nossa língua, é evidente que a tradução no sentido mais comum emerge quando se dá o encontro de duas línguas” (STEINER, 2005, p. 14). Prossegue ainda:

Compreender é decifrar. Avançar a significação é traduzir. Assim, os meios e problemas estruturais e operacionais essenciais do ato de traduzir estão integralmente presentes nos atos de fala, de escrita ou de codificação pictórica no interior de qualquer língua dada. (STEINER, 2005, p. 14).

Sobre traduzir e falar, Octavio Paz (1981, p. 7, tradução nossa) traz uma reflexão interessante:

Aprender a falar é aprender a traduzir; quando a criança pergunta a sua mãe o significado desta ou daquela palavra, o que realmente pede é que traduza para sua linguagem o termo desconhecido. A tradução dentro de uma língua não é, nesse sentido, essencialmente distinta da tradução entre as línguas, e a história de todos os povos repete a experiência infantil: até mesmo a tribo mais isolada tem que se enfrentar, num momento ou noutro, com a linguagem de um povo estranho.⁵

Octavio Paz (1981) elabora a questão de que, no passado, a perplexidade da língua estrangeira fazia da tradução uma ferramenta para dissipar dúvidas, como se, por meio de línguas diferentes, os homens dissessem sempre o mesmo. Como se houvesse uma universalidade de espírito para contrapor à confusão de Babel. Essa suposta segurança foi destruída pela Idade Moderna, que se dispôs a acolher a diversidade e as mudanças. Em suas palavras:

A tradução reflete essas mudanças: já não é uma operação tendendo a mostrar a identidade última dos homens, mas é veículo de suas singularidades. Sua função consistira em revelar as semelhanças, mais que as diferenças; de agora em diante manifesta que essas diferenças são infranqueáveis, quer se trate da estranheza do selvagem, ou de nosso vizinho (PAZ, 1981, p. 7-8, tradução nossa).⁶

Diferenças, singularidades, presença de vazios são pontos com os quais a tradução tem de lidar, surgindo a necessidade de interpretar e

⁵ “Aprender a hablar es aprender a traducir; cuando el niño pregunta a su madre por el significado de esta o aquella palabra, lo que realmente le pide es que traduzca a su lenguaje el término desconocido. La traducción dentro de una lengua no es, en este sentido, esencialmente distinta a la traducción entre dos lenguas y la historia de todos los pueblos repite la experiencia infantil: incluso la tribu más aislada tiene que enfrentarse, en un momento o en otro, al lenguaje de un pueblo extraño.”

⁶ “La traducción refleja estos cambios: ya no es una operación tendiente a mostrar la identidad última de los hombres sino que es el vehículo de sus singularidades. Su función había consistido en revelar las semejanzas por encima de las diferencias; de ahora en adelante manifesta que esas diferencias son infranqueables, trátese de la extrañeza del salvaje o de la de nuestro vecino.”

criar ou recriar a obra. Por exemplo, se recorremos a uma correspondência entre escritor e tradutor, no caso, Guimarães Rosa e Edoardo Bizzarri, temos a oportunidade original de presenciar o transcorrer do processo tradutório em suas várias etapas. Bizzarri traduziu para o italiano *O duelo, Corpo de baile* e, posteriormente, *Grande sertão: Veredas*, sobre o qual relatou muito: “o problema, desta vez, não será simplesmente interpretar e traduzir, mas reescrever em italiano” (BIZZARRI, 1981, p. 130 *apud* ROSA, 1981, p. 130).

Para Bizzarri (1981, p. 7 *apud* ROSA, 1981, p. 7), “traduzir é praticar um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é, afinal, um ato de amor, pois trata-se de se transferir por inteiro numa outra personalidade” e, diante do impasse no qual “a luta com o concreto, o exótico, o termo no seu sentido material e sua ligação etimológica, é, de fato, brava”, ele precisa “enfrentá-la, e esmiuçar tudo, para depois tentar chegar à reconstrução da mensagem poética”. E, no final, se questiona: “chegarei? Deus sabe” (BIZZARRI, 1981, p. 30 *apud* SILVEIRA JR., 1983, p. 39).

No entanto, para Guimarães Rosa, que escolheu Bizzarri como tradutor, seu apelo e aposta na tradução são bem mais fundamentais. Ele escreve a Bizzarri:

Eu, quando escrevo um livro, vou fazendo como se estivesse “traduzindo” de algum alto original, existente alhures, no mundo astral ou no “plano das ideias”, dos arquétipos, por exemplo. Nunca sei se estou acertando ou falhando nessa “tradução”. Assim, quando me “re”-traduzem para outro idioma, nunca sei, em casos de divergência, se não foi o Tradutor quem, de fato acertou, restabelecendo a verdade do “original ideal”, que eu desvirtuara... (ROSA, 1981, p. 63-64).

Para Guimarães Rosa (1981), o tradutor não é uma figura secundária; considera que, quanto ao texto original, muito mais da verdade do que queria expressar pode ter sido alcançada na tradução. Quando o tradutor se entrega ao texto, a tradução faz reviver e sobreviver o texto em seus enredos e fendas. Como sabemos, essa é uma conclusão compartilhada por muitos autores que discorrem sobre o assunto.

Mas, antes de tudo, tradução é leitura.

Rosemary Arrojo (1993, p. 52), em *Tradução, desconstrução e psicanálise*, comenta a aproximação entre leitura e tradução:

Como sabem os tradutores bem-sucedidos, nenhuma leitura é tão atenta e tão cuidadosa quanto aquela que compõe a mais simples das traduções bem realizadas. [...] A comparação da fala ou da leitura produzidas dentro da língua materna à tradução “propriamente dita”, ao intercâmbio de significados entre línguas distintas (que o logocentrismo frequentemente vê como difícil e frustrante) permite uma reflexão desmistificadora não apenas sobre os processos de significação que constituem a fala, a leitura e a tradução, mas também, sobre o que aproxima essas atividades e, até mesmo uma língua “estrangeira” da outra.

Gregory Rabassa (*apud* ARROJO, 1993, p. 53) também descreve essa intensidade da leitura no trabalho da tradução: “Sempre achei que a tradução é, em essência, a leitura mais próxima que se pode fazer de um texto. O tradutor não pode ignorar palavras ‘menos importantes’, mas deve considerar todo e qualquer detalhe”.

Paulo Rónai (1981, p. 72), com sua frase “a tradução é o mundo das minúcias”, salienta a leitura atenta aos detalhes do texto original quanto às ênfases que surgem na escrita tipográfica. Por exemplo, os grifos em português, geralmente, destacam mais as palavras estrangeiras e menos frequentemente elementos importantes. Numa determinada língua, esses mesmos grifos podem acentuar uma entonação num diálogo, modificando o sentido do enunciado. Encontramos ainda a praxe tipográfica da língua alemã, que grifa separando as letras, o que se costuma chamar *grifo alemão* (RÓNAI, 1981, p. 72). Faz parte ainda dessa leitura atenta considerar as repetições e a ordem das palavras na frase, o que pode alterar o enunciado (RÓNAI, 1981, p. 73). Isso tudo deve ser observado no ofício da tradução.

Outra questão interessante abordada por Arrojo no que diz respeito à leitura e seus efeitos na tradução, é a posição subjetiva do tradutor. Baseada nas noções linguísticas de Saussure e em suas ressonâncias na psicanálise, a autora diz:

Se aceitarmos que o chamado “original” é composto de significados que são provisórios, dependentes da leitura de um sujeito – dotado de um inconsciente e sempre situado dentro de uma perspectiva – também podemos aceitar a posição autoral de qualquer tradutor, ao mesmo tempo em que podemos desistir da fantasia de “supertradução”, para que enfrentemos os desafios dessa atividade em termos mais realistas. (ARROJO, 1993, p. 48).

Arrojo (1963, p. 67) comenta: “Ao surpreender esse ‘intermediário’ em plena ação, em plena produção de significados, qualquer tradução dramatiza a necessidade da relação, da presença do outro e do idioma do outro”. Prosseguindo, ressalta uma bela passagem da autobiografia de Nietzsche, explorada por Jacques Derrida, sobre quem é o assinante da obra. Nietzsche o delega ao leitor, “quando o outro vem assinar com ele, se aliar a ele, e para que possa fazer isso, escutá-lo e compreendê-lo” (DERRIDA, 1985, p.51, *apud* ARROJO, 1993, p. 67).

Entre as parcerias da tradução, falta ainda ressaltar a da criação, ou transcrição, como propõe Haroldo de Campos na tradução de poesias e de outras obras complexas, como em James Joyce. Haroldo de Campos (1981, p. 180) designa o que “é diferente das traduções, naturais, destituídas de um projeto estético radical, [...] que se recusa a servir submissamente a um conteúdo, que se recusa à tirania de um Logos pré-ordenado”. A transcrição consiste em reinscrever na língua do tradutor a função poética “enquanto dispositivo de engendramento textual, [...] para chegar ao poema transcrito como re-projeto isomórfico do poema originário” (CAMPOS, 1981, p. 181). A tarefa do tradutor-transcriador é reconhecer com sua “mirada aléfica” “os pontos constelares, o desenho geral dessa poética, e por través deles, redesenhar a forma semiótica dispersa, disseminando-a, por sua vez, no espaço de sua própria língua” (CAMPOS, 1981, p. 189).

Décio Pignatari (1974, p. 85), na tradução de Mallarmé, descreve como se dá sua transcrição: “Por obediência supersticiosa, ora mantenho a pontuação; inovo, ou elimino. A tipografia conta, porque aqui começa uma não linearidade som-escrita. Para ler o original ao menos, com olho, ouvido e braille: devagar, com tato, algum palato, muito olfato”.

Ledo Ivo, a partir de sua experiência traduzindo Rimbaud, reflete sobre a dificuldade da tradução e sobre sua importância para quem quer chegar mais perto das tramas de cada língua na produção de significações. Em *Divagações de um tradutor*, que compõe seu livro *A ética da aventura* (1983), escreve:

Para o tradutor atento, cada palavra se engravida de opções; cada frase oferece versões diversas, desfechando perplexidades e intimidações; cada parágrafo abre as suas veredas no bosque das dúvidas. Nesse território crítico, ao sabor dos humores cotidianos e das sugestões dos dicionários, o oficiante se sente intranquilizado pelas possibilidades que a cada passo vão vincando seu trabalho. (IVO, 1983, p. 66).

A tradução, com suas parcerias, revela-se, pois, um território da crítica, da aproximação ao outro da linguagem, finalmente um avanço na significação. Concordamos com Steiner (2005, p. 14): “os meios e operações do ato de traduzir estão integralmente presentes nos atos de fala, de escrita ou de codificação pictórica no interior de qualquer língua dada”.

Traduzindo Freud... Distraidamente?

O que desenvolvemos até agora abre nosso caminho para refletir sobre o modo especial na tradução dos textos de Freud. Uma tradução que explore a construção dos conceitos, os termos usados e a forma como Freud os utiliza mostra-se um recurso para os psicanalistas na aproximação do texto freudiano, fundamento de seu trabalho clínico e teórico.

É uma tradução que não pode ser só linguística ou filológica. E nem sempre se pode optar pelo bom estilo na língua que a recebe. Também não basta conhecer a língua de origem e fazer a passagem para outra língua. É preciso curvar-se à experiência no campo da psicanálise, exigindo situar-se diante de descontinuidades e de imprecisões de certos conceitos, que vão sendo construídos e testados na prática.

A preocupação com o corpo conceitual da psicanálise já estava presente em Freud na ideia de uma “metapsicologia”. Não que desconhecesse o fato de que, nas ciências naturais (*Naturwissenschaft*) – entre as quais se incluía a Psicologia –, conceitos muito claros e definições precisas não são suficientes, pois o material de estudo não é tão claro quanto uma elaboração conceitual, dependendo diretamente da observação (FREUD, 1976c, p. 73-74). Sua ideia era publicar, sob a forma de livro com o título *Zur Vorbereitung einer Metapsychologie* (“Preparação para uma Metapsicologia”), ensaios sobre o aprofundamento de suas hipóteses. Vários fatores provavelmente devem ter concorrido para que tal publicação não se efetivasse, inclusive a situação da Primeira Guerra Mundial.

Nessa coletânea, o ensaio sobre as pulsões inicia-se apresentando a dificuldade de construir conceitos numa ciência. Apesar da opinião geral de que uma ciência deve basear-se em conceitos fundamentais claros e definidos, na realidade, nenhuma consegue esse feito. Cada ciência, mesmo as exatas, para estabelecer seu corpo conceitual, precisa observar e descrever os fenômenos, construir hipóteses e conjecturas, sempre com

certo grau de indefinição, para aplicá-las ao material empírico (FREUD, 1976c, p. 137).⁷

A lida com a falta é o cotidiano do analista. Quando vai expor a parte prática no *Esboço de Psicanálise*, Freud (1975b, p. 200) indica: “Nosso saber deve reparar seu [do paciente] não saber. [...] Nesse pacto, consiste a situação analítica. Mas após esse passo o que nos espera é a primeira decepção, a primeira advertência à modéstia”.

O título dessa parte, *Die praktische Aufgabe*, já traz um termo rico em polissemia: *Aufgabe* = tarefa, exercício, missão, renúncia, abandono, trespassse. Sem esperanças com os psicóticos, para os quais a realidade não significa um aliado, Freud se pergunta até que ponto seríamos capazes de curar os neuróticos.

E então passa a falar dos limites, das “relações quantitativas”: resistência do recalçado, alterações do eu, sentimento inconsciente de culpa, supereu e, ainda, da tendência à autodestruição e à inércia psíquica. Refere-se à quota de energia que conseguimos mobilizar no paciente a nosso favor. E Freud (1975b, p. 209) completa ironicamente: “Mais uma vez Deus está do lado dos grandes batalhões. É verdade que nem sempre conseguimos vencer, mas pelo menos identificamos porque não vencemos”.

Na experiência com a tradução dos textos de Freud, estamos em condições semelhantes às dessa tarefa prática, diante da ambiguidade do termo alemão *Aufgabe* (tarefa), trabalho de confronto com a renúncia à tradução perfeita e sem lacunas. Por isso é interessante que a tradução se apresente numa edição bilíngue, para que o leitor possa optar por outro termo – ou compreender melhor a opção de tradução – no acesso ao texto original.

Comparando a tradução de um bom filólogo à de um analista, vemos que esta última sugere uma interpretação ou uma aproximação conceitual que, por sua vez, não se dá sem a clínica. A proposta de uma tradução distraída – que faz um paralelo à atenção flutuante proposta por Freud – pode expressar a diferença trazida pela experiência da psicanálise.

Mas, certamente, no caso da tradução de um texto, não cabe somente uma tradução distraída; mais adequado seja talvez falar numa

⁷ Uma exposição mais minuciosa sobre os detalhes da conceituação em Freud encontra-se no artigo de Saliba (2011).

pulsção: tradução atenta ao sentido e, ao mesmo tempo, suficientemente distraída para captar os detalhes, como expressa Décio Pignatari (1974, p. 85): “com olho, ouvido e braille: devagar, com tato, algum palato, muito olfato”.

O ensaio *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin, nos indica um caminho, não somente porque, para ele, “a tradução é apenas uma maneira provisória de lidar com a estranheza das línguas” (BENJAMIN, 1980, p. 14),⁸ mas também porque, na parte final de seu texto, Benjamin aborda algo sobre a estranheza da tradução, situando que, no contato com a língua estrangeira, é possível que uma língua amplie sua trajetória na liberdade do movimento linguístico. Freud também parece perceber tal fato. Ao mesmo tempo que ampliou a língua, criando novos termos compostos – de difícil tradução –, preocupou-se em postular até onde é possível a interpretação do material inconsciente, questão que percorre a obra de 1900 até 1938.

O tradutor renuncia à redoação⁹ do sentido referencial – *die Wiedergabe des Sinnes* – e deve redoar a forma – *die Wiedergabe der Form*. O mero conteúdo a ser comunicado, segundo Benjamin, já foi previamente organizado pelo original, que, assim, dispensa o tradutor de ocupar-se dele. Buscando o modo de intencionar, o tradutor pode dedicar-se à complementaridade da intenção das duas línguas em direção à pura língua, que a tradução mira, apesar de ter de se privar da reconciliação das línguas. Poderíamos dizer que a pura língua se desdobra cada vez mais ao alargar-se o trabalho de tradução, almejando “o modo do querer-dizer” (*die Art des Meinens*) e não “aquilo que se quer dizer” (*das Gemeinte*) (BENJAMIN, 1980, p. 14), assim como na psicanálise visamos às formações do inconsciente, e não ao significado apenso a elas.

O termo *Versagung* – usado por Benjamin no sentido de privação – é bastante freudiano, descreve diferentes nuances da experiência considerada traumática pelo sujeito e, por isso, não encontra univocidade,

⁸ “...dass alle Übersetzung nur eine ingerdwie vorläufige Art ist, sich mit der Fremdheit der Sprache auseinanderzusetzen.” (Die Aufgabe des Übersetzers, 1980, p. 14). Tradução sugerida pelo professor Georg Otte da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em disciplina ministrada para os alunos da pós-graduação.

⁹ Haroldo de Campos propõe o termo “redoação” como uma transcrição para *die Wiedergabe*, que significa “reprodução”, enfatizando o sentido “salvador” da tradução benjaminiana, e não o sentido técnico, avesso a Benjamin (CAMPOS, 1992).

não podendo ser traduzido sempre da mesma maneira. Percorrendo toda a obra freudiana, de 1896 a 1937, o que coincide é sempre um ponto em que algo resiste, “empaca”, não desliza. Sua raiz no verbo *sagen* (dizer) e o prefixo *ver-* (em sua função de negação, *des-* em português) indicariam literalmente “o que não se deixa dizer”.

Como propõe Benjamin (1980), a esfera da pura língua não é alcançada pelo original nem pela tradução. Há sempre um núcleo essencial não traduzível. Desde o início do texto *A tarefa do tradutor*, notamos a marca do *un-* (prefixo da negativa): o inconcebível (*das Unfassbares*), o incomunicável (*das Nicht-Mittelbares*), que restará sempre, para o que é necessária a transcrição (*die Umdichtung*). Diz o texto: “libertar a língua presa na obra através da transcrição é a tarefa do tradutor” (BENJAMIN, 1980, p.19).¹⁰

A tradução é uma tarefa contínua, criadora, que trabalha em torno de um núcleo proibido de reconciliação das línguas. Na contínua transcrição, vai atingindo a liberdade. Em estado constante de privação e falha, permanece, nos vários sentidos do termo *die Aufgabe*, uma tarefa/renúncia/missão privilegiada, a única capaz de, por meio da distração, planar sobre paragens inéditas, dando lugar aos deslizamentos, aos saltos e às estranhezas que caracterizam o incognoscível.

Podemos dizer o mesmo da tradução em Freud.

Sobre isso, recorremos a François Roustang, psicanalista francês, que publicou, na *Nouvelle Revue de Psychanalyse* (1977), um extenso estudo sobre a primeira seção do capítulo VII d’*A interpretação de sonhos* (1900), na qual Freud discute as objeções a seu método de interpretação, criticado como algo arbitrário e sem fundamento.

Aparentemente, Roustang escolheu essa passagem porque é ali que Freud fundamenta seu método, com argumentos concernentes ao objeto de sua pesquisa, os processos inconscientes e sua tradução, especialmente sonhos e sintomas. Roustang (1977) está interessado na ligação existente entre a maneira de escrever de Freud e este objeto: os processos inconscientes. Outros autores já teriam destacado as diferenças

¹⁰ “Jene reine Sprache, die im Werk gefangenen der Umdichtung zu befreien, ist die Aufgabe des Übersetzers.” Tradução sugerida pelo professor Georg Otte da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em disciplina ministrada para os alunos da pós-graduação.

do estilo de Freud na escrita de cartas e nos textos teóricos, o que não nos surpreende. Roustang salienta a especificidade dessa escrita e os cuidados na tradução para outras línguas, mantendo o essencial dessa ligação. Diz ele:

Freud não ignorava que sua escrita era produzida pelos imperativos daquilo que ele descobria, mas estaria consciente dessa utilização? Nada permite afirmá-lo. O que é certo, como se pode ver é que esses processos provêm do infantil e do arcaico, cuja força Freud queria fazer reconhecer. (ROUSTANG, 1977, p. 79, tradução nossa).¹¹

Várias vezes já acentuei como o estilo de Freud se adaptava, até nos detalhes, ao conteúdo do que ele exprimia (o tom do drama, o tom do procurador, o tom do advogado), o que, afinal, para um estilo é uma banalidade. Mas o que não é, é que o estilo aqui é criador do objeto, ou seja, que continente e conteúdo não são separáveis, são mesmo intercambiáveis. (ROUSTANG 1977, p. 85, tradução nossa).¹²

O artigo é minucioso, analisando cada frase desse trecho freudiano, concluindo:

A sintaxe freudiana é subentendida e sustentada por formas paratáxicas. A parataxe se define pelo lugar dado às palavras numa frase, ou numa série de frases, independente das ligações fornecidas pelas preposições, conjunções, declinações e conjugações exigidas pela sintaxe. (ROUSTANG, 1977, p. 86, tradução nossa).¹³

¹¹ “Freud n’ignorait pas que son écriture était produite par les impératifs de ce dont il faisait la découverte, mais était-il conscient de l’utilisation de ces procédés? Rien ne permet de l’affirmer. Ce qui est certain, comme l’on verra plus loin, c’est que ces procédés relèvent de l’infantile et de l’archaïque, dont Freud voulait faire reconnaître la force.”

¹² “Plusieurs fois déjà j’ai souligné combien le style de Freud s’adaptait au contenu de ce qu’il exprimait (le ton du drame, le ton du procureur, le ton de l’avocat), de qui après tout est une banalité pour un style. Ce qui l’est moins, c’est que le style ici est créateur de l’objet, c’est-à-dire que contenant et contenu ne son plus séparables, sont même interchangeables.”

¹³ “La syntaxe freudienne est sous-tendue et soutenue par des formes parataxiques. La parataxe se définissant par la place donnée aux mots dans une phrase ou une série de phrases, indépendamment des liaisons fournies par les prépositions, les conjonctions, les déclinaisons et les conjugaisons nécessaires à la syntaxe.”

Isso é característico das línguas primitivas e antigas. Nessas figuras de linguagem paratáxicas – concatenação, inclusão, quiasma ou *ustero-proteron* e pericentro –, o lugar das palavras e as repetições são dados importantes. Na conclusão de Roustang (1977), a maior parte das traduções, visto que se interessam pelo sentido global, pelo bom e elegante acabamento, sem dar valor ao lugar das palavras e a suas repetições, faz com que a escrita de Freud fique sem vigor, muitas vezes traduzindo mal e até encobrendo a complexidade do objeto em questão.

De que nos servem essas ideias para a tradução e o estudo do texto de Freud?

Se abrirmos mão do sentido global, certamente não teremos uma tradução muito elegante, pois optaremos por termos que trazem certa concretude em vez de preferirmos os mais eruditos e de compreensão geral. Isso dá à tradução a impressão de certa “dureza”.

De Benjamin, nos interessa mais a questão da forma. A falha da tradução – o inconcebível, o não comunicável – elaboramos com notas literais de Freud ou com outras opções de tradução, especialmente quando lidamos com conceitos.

De Roustang, o que retiramos é uma atenção especial à ordem de construção das frases, o cuidado em não abolir as repetições, pois, certamente, elas têm uma função (característica que, em uma tradução de bela forma, seria abolida, dando-se preferência ao uso de sinônimos).

Extraímos alguns exemplos dessas traduções distraídas/atentas para acompanhar certas peculiaridades da escrita de Freud.

Quanto à repetição, por exemplo, na tradução de “O aparelho anímico e o mundo exterior”, preferimos repetir o termo “biológico” e não optar por sinônimos.

Os fenômenos com que trabalhamos não pertencem somente à psicologia, eles têm também uma face orgânico-biológica, e, por conseguinte, em nossos esforços para construir a psicanálise, fizemos também significativas descobertas biológicas e não pudemos evitar novas hipóteses biológicas. (FREUD, 2017, p. 17).

Repetimos o termo, porque expressa pelo menos dois sentidos diferentes: o primeiro e o segundo são da Biologia, como face orgânica e como a descoberta de que as funções anímicas prejudicam a sobrevivência do corpo; quanto às novas hipóteses, mais adiante no texto, o termo

expõe sobre os órgãos dos sentidos, quando a percepção altera o mundo exterior e recorta nele o real como “incognoscível”. Nesse contexto, o biológico se refere à sobrevivência do aparelho psíquico, justificando sua cisão (FREUD, 2017, p. 45).

Sobre o lugar das palavras na frase, numa passagem de *Estudos sobre a histeria*, no caso Katharina, encontramos: “Nesse alfabeto, vômito significa asco”. Em alemão: “*In diesem Alphabet bedeutet Erbrechen Ekel*” (FREUD, 1974, p. 189). Não se consegue traduzir em português a proximidade dos termos *Erbrechen Ekel*: vômito/asco. Uma maneira seria escrever, por exemplo, “Nesse alfabeto significa vômito asco”. Como é a transcrição de uma fala, seria bem significativo escutar os dois termos um após o outro.

Embora sejam muitos os exemplos dessas peculiaridades, não podemos deixar de nos referir ainda a dois deles: *Stück* e *Entstellung*.

Stück, termo privilegiado por Freud, rico na polissemia, pode ser traduzido por parte, fragmento, pedaço, torrão, peça, inclusive peça teatral. Por isso, geralmente optamos por “peça”, por se tratar de algo da linguagem: fragmento, cena, fantasia. Soa concreto demais em certas passagens, mas vale a pena deslizar por seus vários sentidos.

Em *A interpretação de sonhos* (1900), encontramos a *Entstellung*, procedimento-chave no trabalho do sonho. Os franceses propuseram *transposition*, os ingleses, *distortion*. A *Standard* propõe “deformação”, termo tendencioso, que sugere má forma; e não se trata disso. O termo, no dicionário alemão, significa desfiguração, deturpação, mas foi o sentido antigo da palavra que Freud retomou, como em *Moisés e o monoteísmo*: *ent* – prefixo que indica longe de algo – e *stellen* – colocar numa posição. Literalmente, *Entstellung* traduz as operações de condensação e deslocamento, por meio das quais o desejo inconsciente muda de forma para escapar à censura e se realizar. Optamos pela solução da língua inglesa: *distorção*, pois indica mudança de sentido e de lugar (FREUD, 2010, p. 47-48).

Para concluir, gostaríamos de comentar a preocupação dos tradutores com a fidelidade da tradução, criticando desfigurações, deformações etc., e de trazer, em relação a isso, a recuperação que Freud faz do termo *Entstellung*, no sentido antigo em *Moisés e o monoteísmo*:

A deformação de um texto assemelha-se a um assassinato: a dificuldade não está em perpetrar o ato, mas em livrar-se de seus traços. Bem poderíamos emprestar à palavra “*Entstellung*” o sentido duplo a que tem direito, mas do qual, hoje em dia, não se faz uso. Ela deveria significar não apenas “mudar a aparência de algo”, mas também “por algo em outro lugar, deslocar”. (FREUD, 1975c, p. 59, grifo do autor).

O assassinato em questão refere-se aos deslocamentos de fatos da tradição nas várias versões da história, sobre o personagem Moisés, servindo, supostamente, a interesses dos povos em inclui-lo em suas versões. O que foi reprimido ou renegado está oculto em outro lugar, embora modificado e despojado de seu contexto. No entanto, nem sempre será fácil reconhecê-lo.

Referências

ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Biblioteca Pierre Menard).

BENJAMIN, Walter. Die Aufgabe des Übersetzers. In: BENJAMIN, Walter. *Gesammelte Schriften*. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1980. Band IV/1. s. 9-21.

CAMPOS, Haroldo de. *Deus e o diabo no Fausto de Goethe*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAMPOS, Haroldo de. O que é mais importante: a escrita ou o escrito? *Revista USP*, São Paulo, n. 15, p. 76-84, set./out./nov. 1992. (Dossiê Walter Benjamin). DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i15p76-89>.

CAMPOS, Haroldo de. Paul Valéry e a poética da tradução. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 27 jan. 1985. Folhetim, p. 3-5.

CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

FREUD, Sigmund. A etiologia da histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 3, p. 215-249.

FREUD, Sigmund. A interpretação de sonhos. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972. v. 4-5, p. 1-667.

FREUD, Sigmund. Construções em análise. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975a. v. 23, p. 290-304.

FREUD, Sigmund. Esboço de psicanálise. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975b. v. 23, p. 165-237.

FREUD, Sigmund. Moisés e o monoteísmo. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975c. v. 23, p. 13-161.

FREUD, Sigmund. O aparelho psíquico e o mundo exterior: esboço de psicanálise. Tradução: Ana Maria Portugal Saliba. *Transfinitos*, Belo Horizonte, n. 16, p. 16-48, 2017.

FREUD, Sigmund. O estranho. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976b. v. 17, p. 273-320.

FREUD, Sigmund. O recalque. Tradução: Ana Maria Portugal Saliba. *Transfinitos*, Belo Horizonte, n. 9, p. 19-50, 2010.

FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 14, p. 127-162.

FREUD, Sigmund. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.* Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. 12, p. 147-159.

FREUD, Sigmund. Um ensaio autobiográfico. *In: FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund*

Freud. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976c. v. 20, p. 13-92.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Estudos sobre a histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. v. 2, p. 13-367.

FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. Studien über Hysterie. In: FREUD, Sigmund. *Gesammelte Werke*, Band I. 5te. Auflage. Frankfurt am Main: Fischer Verlag, 1977.

IVO, Ledo. Divagações de um tradutor. In: IVO, Ledo. *A ética da aventura*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983. p. 219-233.

LACAN, Jacques. *Le séminaire. Livre VII. L'Éthique de la psychanalyse* (1959-1960). Paris: Éditions du Seuil, 1986.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887-1904*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

PAZ, Octavio. *Traducción: literatura y literalidad*. 2. ed. Barcelona: Tusquets Editores, 1981.

PORTUGAL, Ana Maria. *O vidro da palavra: o estranho, literatura e psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. 2. ed. ampl. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.

ROSA, João Guimarães. *Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. São Paulo: T. A. Queiroz Editor Ltda., 1981.

ROUSTANG, François. Du chapitre VII., *Nouvelle revue de psychanalyse*, Paris, n. 16, p. 65-95, 1977.

SALIBA, Ana Maria Portugal. Esbarrando nos limites da tradução. *Transfinitos*, Belo Horizonte, n. 10, p. 35-45, 2011.

SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da. *A tradução: dados para uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: aoutra, 1983.

SOUSA, Francisco Antonio de. *Novo dicionário latino-português*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1984.

STEINER, George. *Depois de Babel*: questões de linguagem e tradução. Tradução: Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Editora UFPR, 2005.

THEODOR, Erwin. *Tradução*: ofício e arte. São Paulo: Editora Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

Recebido em: 3 de julho de 2020.

Aprovado em: 9 de dezembro de 2020.